

MÍDIA E AUTO-ESTIMA

Joaquim Falcão

Correio Brasiliense, 20 de setembro, 2001

George W. Bush está apenas há oito meses no poder. Mas já se pode distinguir quatro etapas em sua presidência. Na primeira, eleito pela minoria, é presidente legal com legitimidade questionada. Em seguida, ao recusar acordos internacionais sobre armas e meio ambiente e ao implementar uma política fiscal privilegiando os americanos mais ricos, é apenas o presidente dos republicanos que o sustentaram. A legitimidade continua questionada dentro e agora fora dos USA. Seus índices de popularidade caem. De repente, a terça-feira reverte esse quadro. Sem ter feito nada, Bush se transforma no presidente de todos os americanos, comandante-em-chefe, unindo o país: a legitimidade como nacionalidade. Recebe amplo apoio internacional: a legitimidade como solidariedade. Os índices de aprovação sobem.

Para passar de presidente dos republicanos para presidente dos americanos não bastou o covarde ataque terrorista. A mídia lhe foi fundamental. Quem assistiu à CNN e às grandes redes norte-americanas ou leu os grandes jornais percebeu o quanto, dentro da indignação, a linha editorial enfatizava a auto-estima e a união dos americanos. E com razão. Não se constrói um país, nem lá nem cá, com um povo sem auto-estima.

O espaço foi generosamente dado para os esforços de salvamento, a capacidade de se organizar, os cânticos, as missas, os hinos, as demonstrações de solidariedade humana, os sofrimentos que unem, e para a bandeira americana. A CNN chegando mesmo a colocá-la permanentemente no vídeo no canto esquerdo embaixo, em todos os seus subtítulos. O governo estimulou essa pauta ao decretar um dia nacional para lembrar e orar aos mortos. A televisão veiculou horas de minutos de silêncio. Em todas as línguas. O Congresso decretou o uso da bandeira pelos americanos no seu dia-a-dia, cores estreladas da auto-estima nacional.

Pouco se questionou a incompetência dos serviços de segurança. Repórter nenhum descobriu um escândalo no mau uso das verbas federais. Ou teve sucesso para invadir as áreas de resgate. Não houve show de cadáveres ou dramatização de corpos mutilados. A mídia poderia ter denunciado a incompetência simbolizada no apego de Bush ao programa de mísseis ou colocado o sangue na primeira página. Não o fez. Veiculou o respeito à presidência e às autoridades. O público já estava muito combatido. Existe um ponto muito tênue onde a crítica e a denúncia podem destruir a auto-estima. Em vez de reanimar e estimular a mudança, conduz à depressão e ao “salve-se quem puder”.

Sem auto-estima não se constrói, nem se defende uma nação. Não se enfrentam problemas. Não se levanta a cabeça. A mídia é fundamental na geração dessa auto-estima. Lá e cá. Como experimentamos recentemente, mas não valorizamos suficientemente. A televisão foi fundamental para traduzir e reforçar o sentimento popular de que o racionamento de energia, antes de ser debate autofágico entre governo e oposição, era tarefa de todos. Ao veicular que o brasileiro podia poupar energia, ao ensinar como poupar, ao exemplificar e mostrar que inclusive era um bom negócio, a televisão contribuiu para consolidar a auto-estima necessária para sairmos da crise. O que foi decisivo para se obter um racionamento quase indolor.

Esses são dois bons exemplos de mídia nacionalmente responsável. Lá e cá. Mídia capaz de diferenciar os problemas: uns dizem respeito aos governos e sociedade, outros à nação propriamente dita. Estes merecem ser tratados diferentemente. A cobertura norte-americana nacionalmente responsável não é no entanto permanente. Assegurada a auto-estima, o país volta à vida normal. A CNN já retirou a bandeirinha de seus subtítulos. O desafio de Bush agora é manter-se como presidente nacional, quiçá líder mundial. Manter o respeito que a mídia infundiu. Manter seus índices de aprovação. O que não será fácil.

Já surgem entrevistas e artigos dos próprios americanos, como Gore Vidal, discordando do presidente. Muitos homens de negócios internacionais prefeririam que o atentado fosse tratado como caso de polícia a merecer severa repressão e punição. Em vez de, como sugere Bush, uma guerra ou choque de civilizações. Temem que o mundo se transforme num imenso Oriente Médio, onde a superioridade militar e econômica de Israel há décadas não consegue a paz. Ao contrário, institucionalizou a insegurança e a morte súbita como way of life.

A indignação com o terrorismo, acoplada à mídia responsável, foi condição indispensável e inesperada que assegurou a auto-estima americana e a solidariedade internacional. Condição necessária para o combate ao terrorismo. Mas longe de ser suficiente. Tudo vai depender de como Bush vai utilizá-la. Dela muito já se beneficiou. Conquistou a legitimidade ainda não conquistada. Resta agora saber como mantê-la. O passar dos dias pode lhe ser contrário. Ou não.